

CIENCIAS HUMANAS:

POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

Fabiano Eloy Afílio Batista
Glauber Soares Junior
Ítalo José de Madeiros Dantas
(Organizadores)

6



CIENCIAS HUMANAS:

POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

Fabiano Eloy Afílio Batista
Glauber Soares Junior
Ítalo José de Madeiros Dantas
(Organizadores)

6



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Ciências humanas: política de diálogo y colaboración 6

Diagramação: Camila Alves de Cremo

Correção: Maiara Ferreira

Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga

Revisão: Os autores

Organizadores: Fabiano Eloy Atílio Batista

Glauber Soares Junior

Ítalo José de Madeiros Dantas

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências humanas: política de diálogo y colaboración 6 / Organizadores Fabiano Eloy Atílio Batista, Glauber Soares Junior, Ítalo José de Madeiros Dantas. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0587-0

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.870221910>

1. Ciências humanas. I. Batista, Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II. Soares Junior, Glauber (Organizador). III. Dantas, Ítalo José de Madeiros (Organizador). IV. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Estimados leitores e leitoras;

Em sua sexta edição, a obra **‘Ciencias humanas: política de diálogo y colaboración 6’** busca suscitar uma continuidade das discussões no entorno de questões que abrangem problemáticas sociais e culturais, apresentando um conjunto de artigos que possuem perspectivas teóricas e metodológicas centradas em discussões interdisciplinares, multidisciplinares e transversais.

Esta edição possui em seu conjunto 16 textos escritos em três idiomas – espanhol, inglês e português – que estabelecem um importante diálogo entre pesquisas e pesquisadores que analisam diferentes contextos da sociedade latino-americana. Esses textos auxiliam na formação de indagações e explicações que desvelam as dificuldades encontradas e as atuações das ciências humanas e sociais, sobretudo, salientando as possíveis e necessárias articulações entre o campo acadêmico-científico e a sociedade no geral.

Entre as temáticas evidenciadas, destacam-se a área da educação que é investigada por distintas óticas, que abordam sobretudo, a categoria inovação social. Tem-se pesquisas que focalizam a análise de currículo escolar; desenvolvimento de guias, instrumentos educativos e metodologias, em especial apresentando estratégias desenvolvidas para o enfrentamento da covid-19 no que toca ao estabelecimento de aulas no formato online. Discute-se aspectos relacionados ao processo de docência, em específico, no que tange ao processo de planejamento e na articulação entre ensino com a inteligência emocional.

São também expostas investigações que ressaltam aspectos vinculados a psicologia no processo de ensino-aprendizagem, explicitando temáticas como a saúde mental de crianças com hiperatividade; a ligação do desempenho escolar com a exclusão da figura paterna; e a influência da escrita no funcionamento do cérebro. Ainda, são evidenciados manuscritos que investigam produtos culturais – literatura, série televisiva e o futebol – na perspectiva da educação e da identidade cultural. Por fim, também perpassa por esse compilado um artigo que observa a relação do turismo com a paisagem local.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atílio Batista

Glauber Soares Junior

Ítalo José de Madeiros Dantas

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

¿FÚTBOL GAUCHO? LA IDENTIDAD REGIONAL RIO-GRANDENSE EN LA CANCHA (1967-1972)

Cesar Augusto Barcellos Guazzelli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8702219101>

CAPÍTULO 2..... 12

ADAPTING TO ONLINE EDUCATION THROUGH PROJECT-BASED LEARNING IN A COMPLEX REMOTE ZONE. (MAGALLANES /CHILE)

Berta Vivar

Jorge Villarroel

Yasna Segura

Claudio Villarreal

Claudia Ojeda

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8702219102>

CAPÍTULO 3..... 24

CREACIÓN DE UNA GUÍA PARA LAS PRÁCTICAS DE LA ASIGNATURA DE MÁQUINAS ELÉCTRICAS I EN EL ENTORNO E-LEARNING

Carlos Wilfredo Oré Huarcaya

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8702219103>

CAPÍTULO 4..... 30

DIAGNÓSTICO DE ACTUALIZACIÓN CURRICULAR DEL TRONCO BÁSICO DE ÁREA, DEL ÁREA DE CIENCIAS SOCIALES Y HUMANIDADES DE LA UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE NAYARIT

Almendra Carolina Heredia Palomares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8702219104>

CAPÍTULO 5..... 38

EL JUGADOR DEL REALISMO MÁGICO

Jaime Andrés Tauta Chaparro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8702219105>

CAPÍTULO 6..... 48

INTELIGENCIA EMOCIONAL EN LOS DOCENTES COMO APOYO PARA LOS ALUMNOS DURANTE LAS CLASES

Griselda Patricia Reyna Lara

María Paulina Mejía Velázquez

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.8702219106>

CAPÍTULO 7..... 68

KAHOOT AS AN EDUCATIONAL TOOL FOR THE MULTIMODAL TEACHING OF

CAPÍTULO 8..... 76

LA MIRADA DE LOS ESTUDIANTES SOBRE LA COMPRENSIÓN AUDITIVA A TRAVÉS DE SERIES TELEVISIVAS

Norma Flores-González

Efigenia Flores-González

Oscar Ivan Flores Mendoza

Karla Angélica Mercado Olmos

CAPÍTULO 9..... 85

LA SALUD MENTAL EN NIÑOS CON HIPERACTIVIDAD EN EL RAZONAMIENTO MATEMÁTICO

Diana Carolina Arriaga León

Estoica Yanela Cedeño Tomalá

Katiuska Guillermina Cedeño Tomalá

Douglas Daniel Díaz Torres

CAPÍTULO 10..... 94

LA INNOVACIÓN EDUCATIVA Y SU RELACIÓN CON EL EFECTO EN LA DESERCIÓN ESCOLAR EN TIEMPOS DE PANDEMIA, A TRAVÉS DE CLASES VIRTUALES EN UNA INSTITUCIÓN EDUCATIVA MEDIA SUPERIOR DE LA URN EN CD. JUÁREZ, CHIH

Eduardo Vaquera de la Torre

Humberto Arreola Leyva

Agustín Rodríguez Flores

CAPÍTULO 11..... 102

NEUROESCRITURA: DE CÓMO LA ESCRITURA CAMBIA LA ESTRUCTURA Y LA FUNCIÓN DEL CEREBRO

Carlisle González Tapia

CAPÍTULO 12..... 116

O FRACASSO ESCOLAR PELA EXCLUSÃO DA FIGURA PATERNA E A PSICOPEDAGOGIA SISTÊMICA

Elane da Rocha Nogueira Barros

CAPÍTULO 13.....	132
PAISAJE Y TURISMO: UN BINOMIO INSEPARABLE	
Eduardo Salinas Chávez	
Alberto Enrique García Rivero	
Bárbara Liz Miravet	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.87022191013	
CAPÍTULO 14.....	145
PERCEPCIONES SOBRE LAS CAPACIDADES PLANIFICADORAS EN PROFESORAS DE NIVEL SUPERIOR, UN ESTUDIO DE CASO	
Fabiola Escobar Moreno	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.87022191014	
CAPÍTULO 15.....	160
PROPUESTA DE UNA ESTRATEGIA EDUCATIVA PARA ESTUDIANTES DE LICENCIATURA DE LA FACULTAD DE ENFERMERÍA N°2 DE LA UNIVERSIDAD AUTÓNOMA DE GUERRERO PARA EL DESARROLLO DE LA COMPETENCIA QUE LES PERMITA LA VALORACIÓN DE LOS SÍNDROMES DEMENCIALES EN PACIENTES GERONTOGERIÁTRICOS	
Patricia Ramírez Martínez	
Maximina Gil Nava	
María Leticia Abarca Gutiérrez	
José Fausto Solís Martínez	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.87022191015	
CAPÍTULO 16.....	182
RETROALIMENTACIÓN DE LA EVALUACIÓN PARA EL APRENDIZAJE	
Brígida Santana Güílamo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.87022191016	
SOBRE OS ORGANIZADORES	189
ÍNDICE REMISSIVO.....	190

Data de aceite: 03/10/2022

Data de submissão: 08/09/2022

Eduardo Salinas Chávez

Departamento de Análisis Geográfico Regional
y Geografía Física, Universidad de Granada,
España
<https://orcid.org/0000-0001-5976-0475>

Alberto Enrique García Rivero

Departamento Académico de Ciencias
Geográficas, Facultad de Ciencias Sociales,
Universidad Nacional Mayor de San Marcos,
Lima, Perú
<https://orcid.org/0000-0002-8344-9529>

Bárbara Liz Miravet

Centro de Gestión de la Información y
Desarrollo de la Energía (Cubaenergía), La
Habana, Cuba
<https://orcid.org/0000-0002-9636-3169>

RESUMEN: Existe una relación inseparable entre el turismo y el paisaje, puesto que el desarrollo de la mayoría de las diferentes modalidades turísticas están vinculadas, en mayor o menor medida con las características de los paisajes, no solo como atractivo o recurso de interés de un lugar en particular, sino también, como espacio geográfico, donde este se desarrolla y como parte esencial del producto turístico que se comercializa, convirtiendo a los paisajes en bienes de consumo o mercancía, en un mundo cada vez más globalizado y caracterizado por la hegemonía del sistema capitalista. Es por esto el

interés creciente de la Geografía y otras ciencias afines, por estudiar la relación existente entre los paisajes como unidades de integración geográfica y espacios recreados culturalmente por la sociedad y el turismo, complejas interacciones que se analizan en este trabajo, cuyo objetivo es evaluar los avances en la teoría sistémica y holística del paisaje geográfico y su integración en el estudio del turismo como fenómeno socioeconómico. Considerando además, que el turismo no solamente usa los paisajes naturales como imágenes icónicas, sino como motivación que genera en la sociedad moderna el deseo de conocer y disfrutar de paisajes idealizados como paradisiacos, no solo en áreas naturales o poco modificadas sino también en otros paisajes creados o recreados artificialmente para el uso y consumo turístico; convirtiendo entonces al paisaje en elemento fundamental del fenómeno turístico y por tanto, en una mercancía de gran valor, que se vende y se compra, en el proceso de desarrollo y consolidación del turismo en un espacio geográfico determinado.

PALABRAS CLAVE: Paisaje, geosistema, turismo, atractivo turístico, producto turístico.

LANDSCAPE AND TOURISM: AN INSEPARABLE BINOMIAL

ABSTRACT: There is an inseparable relationship between tourism and the landscape, since the development of most of the different tourist modalities are linked, to a greater or lesser extent, with the characteristics of the landscapes, not only as an attraction or resource of interest of a place in particular, but also as a geographical space, where it is developed and as

an essential part of the tourist product that is marketed, turning landscapes into consumer goods or merchandise, in an increasingly globalized world characterized by the hegemony of the capitalist system. . This is why the growing interest of Geography and other related sciences, to study the relationship between landscapes as units of geographic integration and spaces culturally recreated by society and tourism, complex interactions that are analyzed in this work, whose objective is evaluate the advances in the systemic and holistic theory of the geographic landscape and its integration in the study of tourism as a socioeconomic phenomenon. Also considering that tourism not only uses natural landscapes as iconic images, but also as a motivation that generates in modern society the desire to know and enjoy idealized landscapes as paradisiacal, not only in natural areas or little modified but also in other landscapes artificially created or recreated for tourist use and consumption; thus turning the landscape into a fundamental element of the tourist phenomenon and therefore, into a commodity of great value, which is sold and bought, in the process of development and consolidation of tourism in a given geographical space.

KEYWORDS: Landscape, geosystem, tourism, tourist attraction, tourist product.

INTRODUCCIÓN

El turismo no debe definirse y estudiarse, solo en términos de movilidad y viajes de personas o, entenderlo simplemente como una actividad económica de la esfera de los servicios, sino que también debe ser considerado como una nueva forma de explotación del paisaje. El turismo utiliza el paisaje como recurso fundamental para el desarrollo de las actividades turístico-recreativas siendo entonces que el uso y conservación del paisaje se convierte en elemento principal de los productos turísticos que oferta cualquier país (Nogué, 1989, 1992, Ferrer, 2010, Marujo, Santos, 2012, Queiroz, 2009, Salinas Er., 2013)

El turismo es una actividad multifacética que se desarrolla en un amplio rango de paisajes, desde las pequeñas islas coralinas hasta las grandes cadenas montañosas; desde las remotas comunidades rurales hasta las ciudades. Muchas de estas áreas a las cuales arriban los turistas, se caracterizan por la fragilidad ecológica de sus paisajes. Las investigaciones integrales en la esfera del turismo, tienen como objetivo principal estudiar y evaluar de forma rápida y confiable, los recursos naturales y antrópicos de interés turístico-recreativo, sobre la base del análisis de los paisajes (Dinca, 2007, Salgado 2016).

Lo complejo del análisis del fenómeno turístico dificulta el trabajo de los especialistas quienes a veces se ven obligados a brindar respuestas limitadas, que solo contribuyen, de manera parcial, a la toma de decisiones, en cuanto al desarrollo del turismo y las políticas de conservación de los recursos. Una solución a estas dificultades, ha sido simplificar los procedimientos del análisis de las relaciones existentes entre el turismo y los paisajes, y hacer más explícitas las aplicaciones de los resultados obtenidos a la planificación y gestión territorial del turismo (Vera, et al., 2011).

El estudio de los paisajes como factor primordial para la actividad turística aun es poco reconocido, tal vez por no considerar su importancia dentro del contexto de la actividad

(Roma, 2003). Muchas veces descartamos su potencial en virtud de no comprender su función real. Para el turismo entonces el análisis de la estructura, funcionamiento, dinámica y evolución del paisaje es algo que debería tornarse casi que obligatorio.

El paisaje sin lugar a dudas es un elemento imprescindible y fundamental para el desarrollo e impulso a las actividades turísticas, el turista en verdad es un coleccionista de paisajes. Meneses (2002) señala que “el paisaje, debe ser considerado como objeto de apropiación estética, sensorial del territorio por el turista”. Siendo que el primer contacto del turista con el local visitado acontece mediante su visión del paisaje.

En fin, los paisajes deben ser valorizados y consecuentemente preservados para que los visitantes puedan apropiarse plenamente de sus significados en el presente y en el futuro como bien común de la humanidad.

LA CONCEPCIÓN DEL PAISAJE

Las investigaciones acerca del paisaje presentan una compleja y larga historia. Así, el concepto de paisaje se manifiesta como polisémico (pudiendo ser entendido por los investigadores y público en general como: naturaleza, territorio, área geográfica, medio ambiente, hábitat y escenario, entre otros) siendo el mismo el resultado de una representación filosófica y social, donde cada sociedad, por medio de su cultura, imprime una particular plasticidad a la naturaleza que es producida por dicha intencionalidad social y una representación de un período histórico o herencia (Ab’saber, 2003), siendo importante comprender sus múltiples aristas, restableciendo la relación entre el espacio y la sociedad que en el habita (Passos, 2013). (Figura 1).

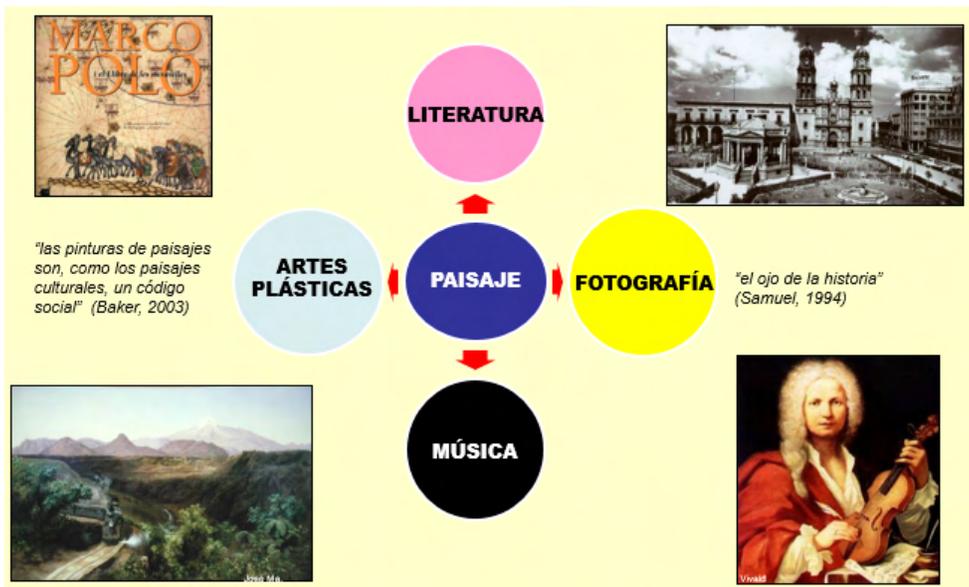


Figura 1. Elementos histórico-culturales en la concepción del paisaje desde las artes.

Los paisajes geográficos o geosistemas como categoría científica de carácter transdisciplinario pueden ser considerados como: sistemas espacio-temporales complejos y abiertos, que se originan y evolucionan en la interfase naturaleza-sociedad y están integrados por elementos naturales y antrópicos, que poseen una estructura, funcionamiento, dinámica y evolución particulares que les confieren propiedades de integridad, límites propios y se constituyen en una asociación de objetos y fenómenos que están en constante y compleja interacción, movimiento e intercambio de materia, energía e información; presentando una jerarquización al interior de sus componentes (Isachenko, 1973; Mateo, 2008; Bastian, Steinhardt, 2002; Kiyotani, 2014; Salinas, Remond, 2015).

Las Interpretaciones actuales del concepto de paisaje, lo conceptualizan como:

- aspecto externo de un área o territorio (paisaje visual).
- formación natural (ecosistémica)
- formación antropo- natural.
- sistema económico – social.
- paisaje cultural.

En el caso de los estudios científicos sobre los paisajes es posible reconocer su doble condición (Figura 2):

- El paisaje considerado como una realidad material y objetiva en el territorio. Una porción del territorio real.
- El paisaje como la imagen del territorio que percibe el observador.

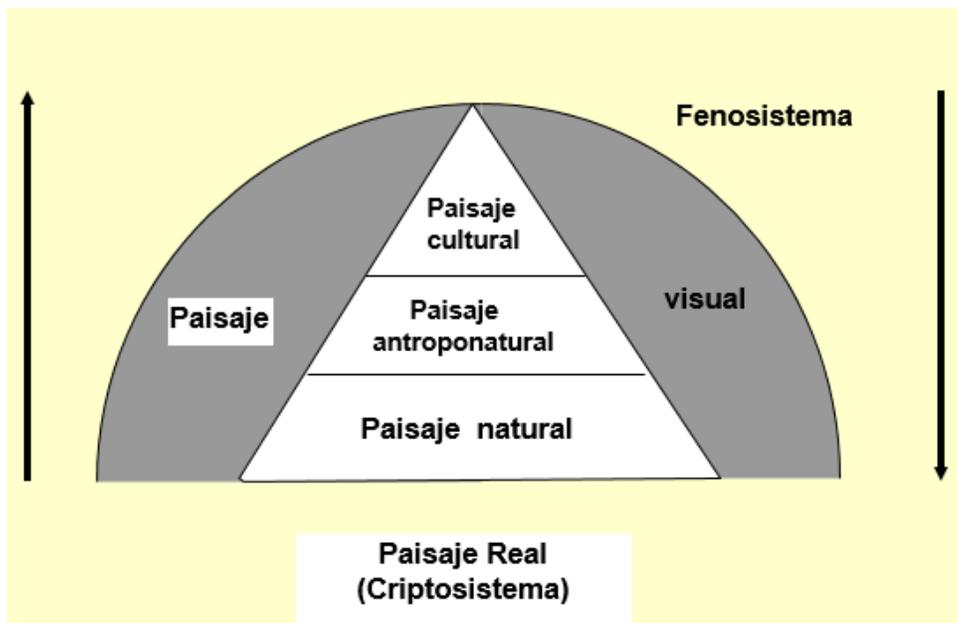


Figura 2. Conceptualización del paisaje. Fuente: González, 1981

Ambos enfoques son útiles en materia de ordenación y gestión del territorio con fines turísticos.

- El paisaje objeto: permite analizar de modo integral las características del territorio y emitir valoraciones acerca de sus capacidades y restricciones.
- El paisaje visual: conduce a la calificación de los paisajes según sus valores estéticos y emocionales.

Según la Convención Europea del Paisaje aprobada en el año 2000 (Zoido, 2009) “el paisaje puede ser considerado como cualquier parte del territorio tal como es percibida por las poblaciones, cuyo carácter resulta de la acción de factores naturales y/o humanos y sus interrelaciones”, con lo cual se destaca el doble papel del paisaje como: realidad material y objetiva, es decir una porción del territorio real y como la imagen del territorio que percibe el observador, aspectos estos muy importantes en relación con el desarrollo del turismo.

Los paisajes como unidades de integración de carácter holístico y sistémico constituyen la base para la realización de diversas investigaciones de carácter ambiental, que van desde la realización de los diagnósticos ambientales hasta el ordenamiento ambiental y territorial, concebido esto a partir del estudio de las propiedades y características de las unidades de paisajes, lo que permite proponer las formas de utilización más adecuadas bajo un enfoque de uso racional y diversificado (Bertrand, Bertrand, 2006; Busquet, Cortina, 2009, Salinas, et al., 2013).

La delimitación y caracterización de las unidades de paisaje de un determinado territorio representan un basamento importante para el desarrollo de una serie de estudios que permiten conocer, ordenar, planificar y gestionar la actividad turística en los mismos. Entre estos estudios se pueden enunciar los siguientes:

Inventario de los atractivos turísticos.

Diagnóstico de la actividad turística (estado, vulnerabilidad, impactos, etc.)

Determinación de los potenciales para el desarrollo del turismo en un territorio.

Determinación de los escenarios estratégicos de desarrollo turístico.

Zonificación Funcional del Territorio para el Turismo.

Desarrollo de estudios especiales: indicadores de sustentabilidad, estudio de capacidad de carga turística, diseño de productos turísticos, etc.

EL TURISMO

Existe una estrecha relación entre los viajes –en cualquiera de sus manifestaciones– y el turismo. Esta apreciación se sustenta en el hecho de que todos los componentes de la base material de los viajes participan directamente en el desarrollo del turismo. No se ha determinado con precisión a partir de qué período se les calificó como turistas a estos viajeros que se desplazaban hacia otros sitios no para explorar o descubrir, sino para recrearse con lo allí descubierto previamente.

El concepto de turismo tiene variadas interpretaciones y clasificaciones, tan numerosas como son también los textos que abordan el tema (Acerenza, 1984; Leiper, 1995; OMT, 1998; Wang, 2000; Martin, 2006); del análisis de ellas se pueden establecer algunos aspectos comunes, que es interesante destacar:

- Turismo como viaje que tiene su origen por algún motivo.
- Turismo como cambio de lugar o desplazamiento en espacio y tiempo.
- Turismo como estancia fuera del lugar de residencia.
- Turismo como conjunto de relaciones y fenómenos que surgen en el proceso del viaje.

A partir del estudio de las distintas definiciones de turismo, podemos señalar que este implica un viaje con motivos variados (recreación, descanso, cultura, salud, religión y otros), el cual conlleva el desplazamiento de la residencia habitual, por cierta duración y que origina un conjunto de relaciones y fenómenos económico - sociales que tienen una expresión territorial. (Salinas Er., 2013).

Las motivaciones del viaje turístico son numerosas y diversas. En todas estas motivaciones aparece, con nitidez, un factor de incentivo común para el viajero: la

búsqueda de lo diferente, la necesidad, el interés, el deseo de ir al encuentro de lo singular, observar, y en alguna medida vivir esto que resulta nuevo y en esa novedad juegan un papel fundamental los paisajes. Esta estructura de motivaciones, tan extensa y variada como los intereses y las expectativas mismas del hombre, es (sin dudas) la base principal sobre la que se erige el turismo como hecho económico y psicosocial de reconocido e irreversible posicionamiento en esta época moderna y posmoderna (Medina, Santamarina, Salinas Er., 2010).

Todo lo anterior, respalda la necesidad de entender la actividad turística como un gran y complejo sistema como se aprecia en la figura 3.



Figura 3. Modelo de estructura del sistema turístico.

Como es posible apreciar, en el centro del sistema turístico, como núcleo fundamental están los atractivos turísticos muy estrechamente relacionados con los diversos paisajes que los constituyen.

Si bien el turismo en sus inicios y hasta hace relativamente pocos años era una actividad muy elitista, reservada para las personas de elevada posición socioeconómica, hoy en día ya se reconoce que es una de las actividades que caracterizan a la cultura contemporánea por su masividad, practicada por cientos de millones de personas cada año, y con una tendencia indetenible al aumento.

PAISAJES Y TURISMO

Es obvio que el concepto de turismo está íntimamente ligado al concepto de paisaje, al acto de observar, contemplar y de crear imágenes sobre esos lugares, constituyéndose el paisaje en la primera exigencia de contacto del turista con el lugar visitado. Se considera que, si bien son numerosos los elementos que contribuyen al incremento del atractivo turístico de un territorio cualquiera que este sea, el potencial principal está dado por la presencia en estos sitios de paisajes y recursos naturales o antrópicos característicos y por tanto el paisaje está en el centro de la atracción de los lugares para el turismo y es un elemento de gran valor para el desarrollo y consolidación de la oferta turística (Yázigi, 2002, Muñoz, 2008).

Por lo tanto, para el desarrollo del turismo, el paisaje visual es considerado como objeto de apropiación estética y sensorial del territorio (Meneses, 2002) y este se vincula con el carácter diferenciado de los destinos, con el valor añadido de las marcas turísticas y con el significado esencial de los productos turísticos que se ofrecen.

Como se deduce de todo lo anterior, en el centro del sistema turístico, como núcleo fundamental están los atractivos turísticos muy estrechamente relacionados con los diversos paisajes que los constituyen.

De hecho, existen una serie de paisajes icónicos que por sí mismo representan los destinos turísticos más allá de cualquier descripción o caracterización. En la figura 4, se ilustran cuatro de estos destinos, donde el paisaje juega un papel fundamental en la atracción y reconocimiento del turista.

Las experiencias recibidas por los turistas durante su viaje, no pueden concebirse sólo como el resultado de una percepción pasiva, ni reducirse a la contemplación de los paisajes, de las culturas autóctonas y de las características socioeconómicas de los pueblos visitados, sino que se debe integrar y valorar en esta experiencia, la práctica del turista sobre el mundo exterior como un proceso de interacción turista-paisaje y el resultado de la misma.

Los paisajes constituyen motivos de interés muy importantes para los turistas y las empresas turísticas (hoteleras, transportistas, de servicios recreativos y gastronómicos, turoperadores mayoristas, agencias de viajes, etc.) a menudo se sobrevaloran, cuando sin embargo a los ojos de los turistas no son más que auxiliares para alcanzar tal o cual objetivo; y se recurre a sus servicios para poder “consumir el paisaje”. El paisaje por sí sólo representa la materia prima, la base misma de la existencia y uno de los motores fundamentales del turismo (Meneses, 2002; Krippendorf, 1977, Nogué, 1989).

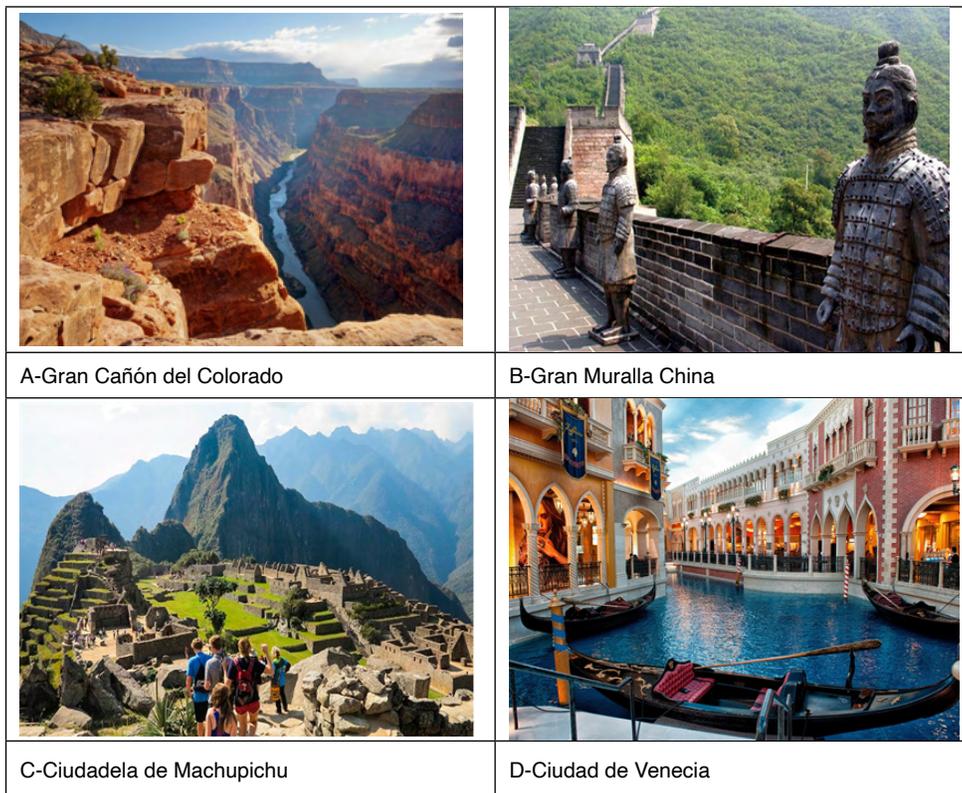


Figura 4. Ejemplos de impresionantes paisajes naturales (A), antroponaturales (B y C) y culturales (D), que identifican icónicos destinos turísticos.

Por otra parte, se puede señalar que el turista actual, no sólo consume bienes y servicios sino que interviene directamente – imponiendo sus expectativas y deseos – en la creación de nuevas formas especiales de viajes acordes a sus necesidades y preferencias hoy ligadas más que nunca a la naturaleza.

El paisaje entonces se convierte en recurso importante para el desarrollo del turismo, producto turístico o parte del producto y claramente elemento fundamental de muchos destinos turísticos que atraen al consumidor y al mismo tiempo son creados y recreados sucesivamente por él. El turismo entonces vende paisajes que, durante mucho tiempo, se aproximan a la percepción del paraíso de cada persona y al deseo de encontrar ese paisaje ‘paradisiaco’ que lleva a muchos turistas a moverse a otros lugares promoviendo, de esta forma la actividad turística y convirtiendo a los paisajes muchas veces en postales o imágenes, transmitidas y consumidas por los turistas (Andrés, 1995, Beteille, 1994, Saldanha, 2012).

En la actualidad con la fuerte competencia que existe entre los diferentes destinos turísticos consolidados y otros que surgen cada día, no existe una valorización real de los lugares sino más bien un “marketing de paisajes” que resulta de la producción más

o menos artificial de paisajes turísticos como forma de la representación espacial de las expectativas de los consumidores, cuyos gustos ya fueron debidamente trabajados por los medios de comunicación masiva (Cruz, 2002). Es decir, los promotores del turismo inventan y reinventan paisajes para el consumo turístico.

En las últimas décadas se ha trabajado bastante desde diversas disciplinas en el análisis y diagnóstico de los paisajes para el desarrollo del turismo en diversos destinos y países, para esto se han usado diferentes métodos y metodologías que buscan realizar el inventario y clasificación de los atractivos, evaluar el potencial de los paisajes para el desarrollo de las diversas modalidades turísticas, estudiar el impacto del turismo sobre los paisajes y finalmente proponer la zonificación de los destinos turísticos en el marco de la sustentabilidad de dicha actividad (La O, Salinas y Licea; 2012, García, Salinas y García, 2015; Salinas, Hernández y Licea, 2010; Raimundo, 2011; Natal, 2010, Salinas y La O, 2006).

CONSIDERACIONES FINALES

- El paisaje como unidad integradora de los componentes naturales y la acción modificadora de la sociedad humana, es un indicador privilegiado para mostrar al turista que está realmente cambiando de lugar, porque él es en gran parte, un producto de la sociedad y de la cultura que se desarrolla en ese lugar.
- Se puede hablar del binomio paisaje-turismo, puesto que la interacción entre ambos es muy fuerte y evidente (aunque poco estudiada) la implantación de la actividad turística se basa en gran medida en la atracción que ejerce un determinado paisaje, que se convierte en un bien de consumo y mercancía gracias a dicha actividad, pero el turismo a su vez transforma y remodela inevitablemente los paisajes.
- El paisaje es un elemento consustancial del fenómeno turístico. Paisaje y turismo son, por tanto, dos realidades íntimamente relacionadas. Pues el turismo es una experiencia que se asienta sobre dos pilares: el lugar de origen y el punto de destino.
- La práctica del turismo produce significados para los paisajes históricamente constituidos. Los nuevos significados tienen su génesis en la historia del paisaje, más, al mismo tiempo, le confieren significados que atienden más a los intereses del presente. Este proceso, de apropiación de las formas históricamente constituidas, produciendo significados modernos de acuerdo con los intereses de los diferentes sujetos – turistas, y la relación espacio-tiempo produce una nueva apropiación y consumo del espacio geográfico donde se desarrolla la actividad turística.
- Las experiencias turísticas, en el origen y el destino, se vinculan directamente con la relación tiempo-espacio, por tanto, los paisajes y el turismo están

constituidos socialmente de acuerdo como los significados construidos por la sociedad moderna.

REFERENCIAS

- Ab'saber, A. N. (2003) Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas. 3. ed. Sao Paulo: Ateliê Editorial.
- Acerenza, M. A. (1984) Administración del turismo. Conceptualización y organización, México DF.: Editorial Trillas.
- Andrés, J. L. (1995) La gente es consumidora de mitos... El mito turístico del Mar Menor, Papeles de Geografía, 22/II, p. 5-17.
- Bastian, O.; Steinhardt, U. (2002) Development and Perspectives of Landscape Ecology, Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.
- Bertrand, C.; Bertrand, G. (2006) Geografía del Medio Ambiente. El Sistema GTP: Geosistema, Territorio y Paisaje, Universidad de Granada.
- Beteille, R. (1994) Le paysage, le mythe et le tourisme, Acta Geographica, III, n.º 99, septembre, p. 35-41.
- Busquets, J. & Cortina, A. (coords.) (2009) Gestión del Paisaje. Manual de protección, gestión y ordenación del paisaje, Editorial Ariel, Barcelona.
- Cruz, R. (2002) As paisagens artificiais criadas pelo turismo, In Yázigi, E. (Org). Turismo e Paisagem. São Paulo: Contexto, p. 66-82.
- Dinca I. (2007) El tema del paisaje, entre la educación de los gustos y el aprovechamiento temático de los turistas. Ejercicio sobre el inventario de los paisajes del departamento de Bihor (Rumania) Turismo y Sociedad, Vol. 8.
- Ferrer, L. (2010). Joan Nogué i Font: "Sin paisaje no hay turismo." Diario de Ibiza. Ibiza. Recuperado de <http://www.diariodeibiza.es/pitiuses-balears/2010/11/06/>.
- García, L. A.; Salinas, E.; García, A. (2015) Valoración del Potencial Turístico de los Paisajes de la cuenca del río Cuautitlán, México, Memorias del XV Encuentro de Geógrafos de América Latina, La Habana, Comisión de Turismo y Patrimonio.
- Isachenko, A. G. (1973) Principles of Landscape Science and Physical Geographic Regionalization, Melbourne: University Press.
- Kiyotani, I. (2014) O conceito de paisagem no tempo, Geosul, Florianópolis, v. 29, n. 57, p. 27-42.
- Krippendorf, J. (1977) Les devoreurs de paysages : le tourisme doit-il détruire les sites qui le font vivre?, Lausanne: 24 Heures, (Série Visages sans frontières).

La O, J. A.; Salinas, E.; Licea, J. E. (2012) Aplicación del diagnóstico geocológico del paisaje en la gestión del turismo litoral Caso Destino Turístico Litoral Norte de Holguín, Cuba, Investigaciones Turísticas N° 3, p. 1-18

Leiper, N. (1995) Tourism Management, Victoria: Tafe Publications.

Marujo, N. y Santos, N. (2012) Turismo, Turistas e Paisajes, Investigaciones Turísticas N° 4, julio-diciembre, p. 35-48.

Mateo, J. M. (2008) Geografía de los Paisajes, Primera Parte. Paisajes Naturales, La Habana: Editorial Universitaria.

Martin, R. (2006) Glosario de términos turísticos, Centro de Estudios Turísticos (CETUR). Universidad de La Habana. La Habana.

Medina, N.; Santamarina J.; Salinas, Er. (2010) Productos turísticos. Desarrollo y Comercialización, La Habana: Editorial Balcón.

Meneses, U. T. B. de. (2002) A paisagem como fato cultural. In: Yazigi, E. (org.). Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto, p. 29-64.

Muñoz, J. C. (2008). El turismo en los espacios naturales protegidos, algo más que una moda reciente, Boletín de la Asociación de Geógrafos Españoles, 46, p. 291–304.

Natal, M. (2010) A Importância da Paisagem para o Desenvolvimento Turístico – O Caso da Ilha de São Jorge, Tesis de Maestría en Gestión del Territorio, Universidade Nova da Lisboa.

Nogué, J. (1989) Paisaje y turismo. Estudios Turísticos, núm.103, p.35-45

Nogué, J. (1992) Turismo, Percepción del Paisaje y Planificación del Territorio, Estudios Turísticos, núm. 115, p. 45-54.

OMT. (2008) Introducción al turismo, Madrid: Organización Mundial del Turismo.

Passos, M. M. (2013) Paisagem e Meio Ambiente (Noroeste do Paraná) Maringá: Eduem.

Queiroz, M. M. (2009) Turismo paisagístico. In: Panosso Netto, A. e Ansarah, M. (edits.) Segmentação do mercado turístico: estudos, produtos e perspectivas. Barueri (SP): Manole, p. 45-66

Raimundo, S. (2011) Paisagem, Turismo e Análise Ambiental. In: Reinaldo Miranda de Sá Teles (org.) Turismo e Meio Ambiente, 11 ed. Rio de Janeiro: Editora CAMPUS/Elsevier, v. 1.

Roma, F. (2003) Turismo y paisaje. Una geografía de la representación turística. Artículo en línea: www.geocities.com/francescroma/paisatge. PDF. (Consultado el 26 de Julio de 2017).

Saldanha, L. (2012) Legado, paisagem e turismo ... pelo Minho na procura de uma dimensão sensorial, Revista da Faculdade de Letras – Geografia – Universidade do Porto III série, vol. I, p. 7 -31.

Salgado, R. (2016) Paisagens Turísticas: conexões ambientais e educacionais, Caderno de Geografia, v.26, n.47, p. 629-639.

Salinas, E.; García, A. E.; Miravet, B. L.; Remond, R.; Cruañas, E. (2013) Delimitación, clasificación y cartografía de los Paisajes de la cuenca Ariguanabo, Cuba, mediante el uso de los SIG, Revista Geográfica del IPGH, No. 154 julio-diciembre, p. 9-30.

Salinas, E.; Hernández, D.; Licea, J. E. (2010) Análisis de los peligros naturales y antrópicos en destinos turísticos de Cuba, Gran Tour, Revista de Investigaciones Turísticas, Numero 1, p.13-41.

Salinas, E.; La O, J. A. (2006) Turismo y sustentabilidad: de la teoría a la práctica en Cuba, Cuadernos de Turismo 17, p. 203-223.

Salinas E.; Remond, R. (2015) El Enfoque Integrador del Paisaje en los Estudios Territoriales: Experiencias Prácticas, En: Garrocho, C.; Buzai, G. (editors) Geografía Aplicada en Iberoamérica: avances, retos y perspectivas, México, p. 503-543.

Salinas Er. (2013) Geografía y Turismo. Aspectos territoriales del manejo y gestión del turismo. (segunda edición) La Habana: Editorial Félix Varela.

Yázigi, E. (2002) A importância da paisagem. In: Yazigi, E. (org.). Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto, p. 11-27.

Vera, J. F.; López, F.; Marchena, M.; Antón, S. (2011) Análisis Territorial del Turismo y Planificación de Destinos Turísticos, Editorial Tirant lo Blanch, Valencia, 473 p.

Wang, M. (2000). Tourism and modernity. A sociological analysis, Pergamon Press, Oxford.

Zoido, F. (2009) El convenio europeo del paisaje. En Fábregas, J. B.; Ramos, A. C. (orgs) Gestión del Paisaje. Barcelona, Ariel, p. 299-315.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abandono escolar 94, 95, 97, 98, 100

Aprendizagem 116, 123

Arte 9, 87, 106, 188, 190

C

Ciência 190

Ciências humanas 2, 6, 190

Comunicação 11, 190

Conflitos 122, 123, 124, 125, 128

Cultura 1, 2, 10, 51, 79, 106, 115, 123, 134, 137, 138, 141, 190

D

Direitos humanos 116

Docentes 25, 28, 30, 31, 34, 35, 36, 48, 49, 50, 53, 64, 65, 66, 76, 85, 86, 87, 88, 91, 94, 95, 96, 99, 117, 125, 145, 146, 147, 154, 156, 157, 158, 164, 166, 167, 168, 169, 171, 173, 180, 182, 183, 184, 185, 188

E

EAD 189

Educação 4, 74, 117, 118, 124, 125, 126, 129, 130, 131, 190

Ensino 123, 190

Espaço 1, 5, 122, 123

Exclusão 116

F

Família 116, 120, 121, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 190

Formação 7, 8, 130

Futebol 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11

G

Globalização 4, 11

H

Hábitos 26, 79, 87

História 1, 2, 4, 5, 6, 10, 11, 117, 118, 120, 124

I

Identidade 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 118, 190

Identidade regional 3, 7, 8, 10

Indivíduo 116, 117, 119, 120, 122, 123, 128

Interação 122, 124

Intercultural 88, 162

M

Memória 11, 190

Mídia 4, 9, 10

Mundo 2, 4, 5, 6, 9, 10, 11, 31, 39, 40, 42, 43, 45, 46, 51, 96, 99, 113, 116, 117, 118, 120, 121, 123, 124, 125, 127, 129, 132, 139, 161, 168

P

Paisagem 142, 143, 144

Paternidade 118

Percepção 124, 125, 130

Política 8, 11, 30, 31, 95, 146, 181

Prática 1, 2, 3, 4, 8, 123

Psicopedagogia 116

S

Síndromes 160, 161, 162, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

Sociedade 2, 4, 8, 10, 118, 122, 190

T

Tecnologia 190

TIC 52, 68, 74, 96, 185, 189

Turismo 22, 132, 133, 134, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144

V

Valores 27, 52, 61, 63, 117, 122, 123, 136, 160, 181, 184

CIENCIAS HUMANAS:

POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉️ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

6



CIENCIAS HUMANAS:

POLÍTICA DE DIÁLOGO Y COLABORACIÓN

🌐 www.atenaeditora.com.br

✉️ contato@atenaeditora.com.br

📷 @atenaeditora

📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

6

